

O VERDADEIRO POVO DE DEUS: REFLEXÕES
SOBRE GRUPO EVANGÉLICO JUDAIZANTE E OUTRAS
PRÁTICAS DE FILOSSEMITISMO NO BRASIL

*THE TRUE PEOPLE OF GOD: REFLECTIONS ON THE JUDAIZING EVANGELICAL
GROUP AND OTHER PRACTICES OF PHILOSSEMITISM IN BRAZIL*

*Alana Sá Leitão*¹

Este ensaio é um breve comentário ao artigo “*Pious and Polycultural: conversion, agency and moral torment among ‘Judaizing Evangelical’ women in Brazil*”, de Manoela Carpenedo, publicado neste número da Debates do NER. Nele, a autora discute uma tendência crescente nos últimos anos: casos de filossemitismo e de sionismo cristão no sul global. Esse é um tema importante para entender duplamente o cristianismo e a sociedade brasileira. Afinal, por que elementos do judaísmo, pessoas ligadas a essa tradição e causas políticas do Estado de Israel passaram a ser tão caros, ou mesmo, sinônimos de beleza, para uma ampla parcela de cristãos brasileiros? Esse judaísmo admirado inclui todos os judeus? Quais são as expectativas articuladas por meio dessa admiração? Esses grupos articulam uma ideia de pertencimento ou, ao menos, de profunda conexão com o povo judeu? Qual a conexão de tudo isso com o bolsonarismo e por que a bandeira de Israel tremula em manifestações pró-Bolsonaro? Essas são perguntas que têm cruzado a mente de muitos brasileiros e daqueles que estão atentos aos diversos acontecimentos do país. Uma série de autores (Gherman; Klein, 2019; Topel, 2011) tem tentado respondê-las, inclusive Carpenedo (2022), que acrescentou dados à questão central a todas elas: por que o filossemitismo tem crescido no sul global? Contudo, a autora

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. E-mail: alanasaleitao@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0183-4539>.

não resume-se a esse tópico e, como veremos abaixo, também discute a agência feminina, que traz dentro de si uma série de outros desdobramentos relevantes.

O grupo estudado pela autora está em um diferente espectro dos filossemitas, é encontrado mais facilmente nas ruas e retratado pelas mídias de comunicação em massa. Igrejas como a Universal do Reino de Deus e muitas das Assembleias de Deus têm adotado uma estética própria pelo uso de símbolos judaicos sem abandonar suas práticas cristãs. A construção do Templo de Salomão em São Paulo, o uso ornamental amplo de estrelas de David e *Mezuzahs*, o encontro entre líderes religiosos evangélicos e, representando a igreja católica, Dom Orani Tempesta, com o Primeiro Ministro Benjamin Netanyahu em sua visita ao Brasil, são alguns dos elementos que formam esse contexto. Mas tenho que ressaltar que, apesar desses exemplos serem recentes, o filossemitismo em igrejas pentecostais no Brasil não é completamente novo. Na verdade, muitas dessas igrejas, literalmente, hasteiam a bandeira de Israel há muito tempo.

Os interlocutores de Carpenedo (2022), diferentemente, apesar da sua maioria apresentar um passado pentecostal, estavam em processo de conversão ao judaísmo ortodoxo, mas entendendo Jesus como o messias profetizado para o povo judeu. Eles compreendem a si mesmos, como apresentado na fala de uma das informantes da autora, como “*judeus que acreditam em Jesus como messias*”. Nessa nova lógica, criticam a sociedade mais ampla e secular, e também as práticas e teologia pentecostal. Todos esses elementos fazem dessa comunidade um caso distinto do filossemitismo que temos visto cotidianamente entre muitos pentecostais. Atenta a isso, Manoela Carpenedo (2022) chama o fenômeno estudado de *Judaizing Evangelical*. Em comum com os outros casos, ele nos leva a perguntar por que pessoas sem um passado judeu começaram a ter tanta estima por esse grupo.

Como a própria Carpenedo nota, existe uma correlação entre práticas e símbolos judaicos e a ideia de um cristianismo autêntico. Mesmo que não haja uma analogia à ancestralidade direta, esses grupos veem o passado do povo judeu como o seu próprio. Pensando o pentecostalismo mais amplo, é possível trazer como exemplo Edir Macedo que não apenas apresentou uma genealogia direto de Abraão até ele mesmo, na inauguração do Templo de

Salomão – passando por outras figuras importantes da tradição judaico-cristã –, como também encontrou em seu sobrenome uma afirmação do que apresenta como seu passado judeu, utilizando a ideia dos judeus convertidos chamados de “cristãos-novos”. Em meio a tantos grupos cristãos, esse tipo de conexão gera uma disputa de legitimidade em relação à origem judaica.

Além disso, como discutido por Gherman e Klein (2019), pensando mais especificamente nesse filosemitismo na política, incorporar a história judaica à própria história é negar qualquer responsabilidade ou possibilidade de reflexão sobre o passado brasileiro que garante privilégios a grupos específicos. O judeu pensado aqui, é um judeu imaginário. Não porque as ideias sobre esse povo não tenham nenhuma conexão com a realidade, mas porque elas não alcançam todas as percepções e contradições encontradas em qualquer comunidade real. Nesse sentido, o filosemitismo das igrejas pentecostais, a bandeira de Israel da extrema direita e o grupo estudado por Carpenedo (2022) encontram-se, na prática de escolha seletiva de elementos de uma tradição, sinalizando que também beneficiários da herança, da ideia de que são o povo de Deus (ou que são os verdadeiros) – e isso vai ter significados diferentes nos diferentes grupos.

Não é à toa que os interlocutores de Carpenedo (2022) entendem a si mesmos como judeus que acreditam em Jesus como o Messias. Isso significa que eles são o “verdadeiro povo de Deus”, pois, além de pertencerem ao judaísmo, também aceitaram Jesus como messias. Assim, afastam-se, simultaneamente, do que entendem enquanto condenável no pentecostalismo e no judaísmo. Todavia, é necessário destacar que no grupo estudado por Carpenedo (2022), diferentemente da maioria dos pentecostais filosemitas mais visíveis, há uma profunda alteração nas práticas e performances dos indivíduos: existe uma conversão.

Especificamente, o foco da autora nas mulheres cristãs em processo de adotar práticas judaicas também possibilitou uma profunda discussão sobre a agência feminina. Nesse sentido, talvez um dos pontos mais importantes do artigo de Carpenedo (2022) é pensar a agência feminina em um momento de mudança no enquadramento ético das mulheres estudadas. Isso quer dizer que estava ocorrendo um processo de adoção, pelas mulheres, de uma série

de práticas que demarcam o pertencimento do indivíduo a um grupo. Ainda mais significativo, essas práticas passaram a demarcar o pertencimento de um grupo a uma tradição com a qual, até então, nenhum de seus integrantes tinha qualquer vínculo. Ou seja, símbolos e costumes que as mulheres carregavam, muitas vezes em seus corpos, passaram a ter o peso de serem demarcadores da possibilidade de seu grupo ser compreendido enquanto “verdadeiramente” judeu. Assim, os modos de se vestir e de entender a sua sexualidade se tornaram centrais na conversão dessas mulheres.

Carpenedo (2022) chama a conexão das mulheres a dois diferentes grupos religiosos de “policultural”. É verdade que elas são informadas pelas normas e práticas de ambos os pertencimentos religiosos, antigo e novo, mas suas interações e trocas culturais são muito mais amplas. Acredito que o problema desse termo, nesse contexto, é implicar pertencimento a diferentes comunidades de prática, algo que, na verdade, todos temos em comum. Todos nós tentamos entender o mundo utilizando diferentes significados dos distintos grupos aos quais pertencemos, ou frequentamos, nos oferecem. Além disso, enquanto tentam imbuir de sentido suas novas práticas, os *Judaizing Evangelical*, estudados pela autora, aparentam dar pesos valorativos às ideias do seu antigo grupo religioso por meio de seu novo grupo religioso.

Assim, pensando em termos clássicos da Antropologia, acredito que o grupo estudado no artigo aqui discutido estaria em um momento de liminaridade (Turner, 2013). Nesse sentido, uma das grandes contribuições de Carpenedo (2022) está em focar sobre o significado de agência em um momento de transição – quando o modo de ver o mundo de uma comunidade está sendo rechaçado em nome de outro, trazendo um novo e concorrente sistema de práticas e valores – e quais são as questões com as quais as mulheres devem lidar em um momento como esse. Como Carpenedo (2022) afirma, elas estão em um espaço de reflexão ética. A autora segue uma tradição crescente das ideias de Saba Mahmood (2012), que, por sua vez, reflete a partir da teoria de Foucault (1997), para entender esse momento de reflexão ética de seus interlocutores para além da dicotomia resistência *versus* dominação. Em sua análise, a relação entre o desejo do sujeito e as performances prescritas pelo grupo criam o espaço no qual tecnologias do *self* se mostram enquanto agência do sujeito.

Para as mulheres estudadas, a modéstia está no centro das tecnologias da constituição do seu novo *self*. Esse pietismo traz elementos específicos para demarcar sua conversão ao judaísmo. Elas querem ser entendidas, a partir dos seus corpos, enquanto mulheres que pertencem à tradição judaica. A modéstia feminina também é tradicionalmente enfatizada por diferentes grupos cristãos no Brasil. Contudo, as mulheres investigadas por Carpenedo (2022) não apenas querem se afastar do que entendem como uma demasiada sensualização da sociedade mais ampla, mas também do pietismo de tais igrejas evangélicas. O desespero de uma das interlocutoras, que chora copiosamente ao descobrir que em um espaço de maioria judia ela seria facilmente identificada como não judia, é um bom exemplo disso. Apesar de não ser um elemento de demonstração pública, a percepção da sexualidade feminina também faz parte dessa demarcação. Como nos mostra a autora, não estar disponível para a prática sexual diariamente as torna diferentes da sociedade mais ampla; mas não classificar o desejo sexual feminino sob uma ótica do pecado as diferencia daquelas que fazem parte de comunidades pentecostais.

As tecnologias do *self* que constroem a modéstia, para as mulheres da comunidade, incluem o uso de lenços cobrindo seus cabelos, sapatos fechados, tabus menstruais, e, principalmente, a ideia do *tzinuit*. Como nos explica Carpenedo (2022), *Tzinuit* seria uma forma ativa de constituir-se na modéstia e na humildade. Esses elementos estão presentes nesses corpos não apenas como símbolo e prática da nova identidade judaica pessoal e do grupo do qual fazem parte, mas também enquanto escolha. É possível ver, por meio da análise, que o modo como Carpenedo (2022) utiliza a noção de “*pious subject*” não ocorre sem uma percepção crítica. A autora não apenas pondera as análises feitas pela teoria feminista e pela Antropologia do Islã a esse conceito, como também encontra sua própria crítica em seu trabalho de campo. Ou seja, a autora mostra que a noção de “*pious subject*” não analisa tão bem os sujeitos que estão aderindo a uma tradição, como o faz com aqueles que nasceram e cresceram nela.

Desse modo, Carpenedo (2022) acrescenta dados que desafiam a noção liberal de que a agência ocorreria apenas com oposição a regras, mas também

complexifica o debate sobre modéstia, ética, e tecnologias do *self*. Como é possível perceber, a autora contribui significativamente para dois temas importantes na atualidade, o filosemitismo no Sul Global e a agência feminina. Além disso, os dados trazidos por ela também nos ajudam a refletir sobre o Brasil contemporâneo. O judaísmo, nesse contexto, é pensado na lógica do pertencimento às práticas e normas daqueles que seriam o verdadeiro povo de Deus. Também, é possível escolher, por intermédio das tecnologias do *self*, rearticular seu enquadramento ético para fazer parte daqueles que são os “escolhidos”.

REFERÊNCIAS

- CARPENEDO, Manoela. Piedosas e Policulturais: conversão, agência e tormento moral entre mulheres evangélicas judaizantes no Brasil. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 22, n. 41, 2022.
- FOUCAULT, Michel. Ethics Subjectivity and Truth. In: RABINOW, P.; FAUBION, J. D. (Eds.), *Essential works of Foucault*. New York: New Press, 1997.
- GHERMAN, Michael; KLEIN, Misha. Entre “conversos” e “desconversos”: o caso da influência da Nova Direita Brasileira sobre a comunidade judaica do Rio de Janeiro. *Estudios Sociales del Estado*, vol 5, n. 9, 2019.
- MAHMOOD, Saba. *Politics of piety: the Islamic revival and the feminist subject*. Princeton University Press, 2012.
- TOPEL, Marta. A Inusitada Incorporação do Judaísmo em Vertentes Cristãs Brasileiras. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, ano IV, n. 10, 2011.
- TURNER, Victor. *Processo ritual: Estrutura e antiestrutura*. Editora Vozes, 2013.

Recebido em: 01/07/2022

Aprovado em: 01/07/2022